

O racismo em questão

Entrevista feita pelos participantes do Núcleo de Fomento *Psicanálise na Encruzilhada: o racismo em questão*, do Departamento Formação em Psicanálise

Mariléa de Almeida

O registro a seguir é resultado do encontro ocorrido em 26 de março de 2023, proposto pelo Núcleo de Fomento *Psicanálise na Encruzilhada: o racismo em questão*, grupo de Fomento e Pesquisa do Departamento Formação em Psicanálise. Este coletivo propõe um espaço permanente de estudo, reflexão e aprofundamento sobre a temática racial, em articulação com o campo teórico-clínico psicanalítico, ancorado do debate antirracista.

Disparado pelo evento *Praça Paris: transferência, relações raciais e o desejo do analista*, promovido pelo Departamento, o grupo se reuniu para uma conversa com a pesquisadora, historiadora e psicanalista Mariléa de Almeida, para um debate em intersecção com o livro *Eu sou o monstro que vos fala*, de Paul B. Preciado.

O filme *Praça Paris*, dirigido por Lúcia Murat, que participou do evento ao lado de Mariléa de Almeida, foi o disparador para problematizar a posição do analista e seu lugar de saber, no contexto de uma análise atravessada pelas questões raciais. Se, para Freud, a transferência constitui o motor do trabalho analítico e deve incluir a posição do analista diante dos desdobramentos da repetição, é preciso situá-lo como representante de um saber que lhe confere um lugar e sustenta sua condição de pertencimento. As implicações que surgem nos contornos da escuta clínica, a partir dessa proposição, nos convidam ao diálogo com o texto de Preciado.

Paul B. Preciado é filósofo e escritor feminista transgênero, cujas obras versam sobre assuntos teóricos, como filosofia de gênero, teoria queer, arquitetura, identidade e pornografia. Identificando-se anteriormente como Beatriz, mulher cisgênero lésbica, iniciou em 2014 uma transição de gênero lenta e, em janeiro de 2015, escolheu “Paul” como seu nome retificado.

No livro *Eu sou o monstro que vos fala*, Preciado desafia a psicanálise a se abrir às novas abordagens político-sexuais. Em novembro de 2019, foi convidado a falar para 3.500 psicanalistas na Jornada Internacional da Escola da Causa Freudiana em Paris, cujo tema era *Mulheres na psicanálise*. Seu discurso, interrompido na ocasião e que deu origem ao livro, foi inspirado no emblemático *Relatório a uma academia*, de Franz Kafka, em que um macaco diz a uma assembleia de cientistas que a subjetividade humana é uma jaula, como a que o aprisionou.

Episteme ocidental e diferença sexual

Como podemos pensar a questão da diferença sexual e o debate das questões de identidade, relacionando-os com a teoria psicanalítica, mas não só, também com as ruas, as salas de aula e a nossa clínica?

Pensando na diferença sexual e no *corpus* teórico da psicanálise, fundado na diferença sexual e, de certa forma, na biologia, o transfeminismo e a epistemologia trans tem muito a nos ensinar, porque estão interseccionando as discussões antirracistas e dos feminismos, tensionando de maneira radical essa episteme biológica, da diferença sexual. Essa é a discussão de Paul Preciado que coincide com a autora nigeriana, Oyèrónké Oyewùmí, em *A invenção das mulheres*, em que ela problematiza a questão de que toda episteme construída no Ocidente é construída na biológica, e o corpo, portanto, é central. Para ela, quando Freud diz que o corpo, a anatomia é o destino, já se fazia ali um diagnóstico do Ocidente.

A convergência epistemológica de Oyèrónké Oyewùmí com Preciado é a ideia de que a episteme do Ocidente – ela também faz a crítica ao patriarcado – não é uma episteme universal. Todas as hierarquias do Ocidente, especialmente no século XIX, de gênero e de raça, são baseadas no corpo. Nasceu, tem pênis, é um menino. Está dada uma atribuição de gênero. Tem uma pele preta, é negro. É isso que Paul Preciado vai trazer e questionar.

Temos que pensar em que medida a ideia de identificação está colada a essa episteme e de que forma a gente pode escutar ou, sobretudo, se perguntar sobre a nossa cisgeneridade, sobre a heteronormatividade, que é uma episteme construída junto com o colonialismo e o racismo.

As coisas não estão separadas. Hoje, quem estiver pesquisando sobre gênero, quando pesquisar sobre o século XVI, vai encontrar pessoas aqui no Brasil, Xica Manicongo¹, uma mulher trans. Estou usando o modelo contemporâneo, mas era uma outra performance de estar no mundo de gênero, que foram silenciadas ao longo da história. Paul B. Preciado, filósofo trans, apenas está questionando e expondo o fato de que nem o pensamento de Freud, nem o de Lacan são universais. No livro citado, ele escreve, na íntegra, aquilo que foi impedido de ler nesse encontro.

Em relação à radicalidade da episteme trans, Paul Preciado, logo diz que deve mais às leituras dos feminismos negros, dos outros feminismos, da discussão decolonial racista do que à própria teoria psicanalítica. O livro de vocês, *Psicanálise na Encruzilhada*, que fala sobre adoecimento institucional, coincide com o que Paul fala. É um adoecimento institucional, porque a episteme do século XIX continua produzindo efeitos sobre a condução clínica, porque mantém o regime da diferença, do binarismo. Isso se aplica à condição preto-branco,

1. Xica Manicongo foi a primeira travesti não indígena do Brasil. Trazida sequestrada da região do Congo, pertencente à categoria das quimbandas de seu povo, sua expressão de gênero era lida pelo colonizador como feminina. No Brasil, foi submetida à condição de escravizada na Bahia, tendo seu trabalho explorado por um sapateiro. No entanto, Xica recusava-se a utilizar o nome masculino que lhe foi imposto, ao mesmo tempo em que seguia vestida em seus trajes femininos, tal qual em África. Disponível em: <https://www.casaum.org/quem-foi-xica-manicongo-considerada-primeira-travesti-brasileira/>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

homem-mulher, essas denominadas jaulas sociais que aprendemos a ocupar e que pudemos ver bastante explícitas no filme *Praça Paris*, no último evento de fim de semestre.

Jaula e clínica

Poderia contar um pouco pra gente sobre essa ideia de jaula, termo usado por Paul Preciado, ligada à questão de identidade e como pensamos isso na clínica?

O corpo negro, por exemplo. Primeiro, ele é um corpo escravizado e, depois, no processo de abolição, é o corpo objeto de estudo. O corpo escravizado passa a ser o corpo objeto de estudo enjaulado. Nunca é o agenciamento. Por isso, tem que dar visibilidade às outras existências, outros modos de existir, outras subjetividades que historicamente foram sendo construídas, silenciadas e apagadas. Estudar os transfeminismos ajuda a dar visibilidade, a tornar visível. Se a gente for pensar do ponto de vista humano, pulsional, sempre esteve por aí, mas se a gente não tem lentes para ver, a gente não enxerga.

Como aquela história, a pessoa não vê, ela não vai ver sem as lentes para enxergar assim, que é um conceito que está presente no trabalho da Sueli Carneiro quando ela discute o dispositivo da racialidade. Ela faz uma discussão com Boaventura de Souza Santos, na qual ela dobra esse conceito para afirmar que esse é um aspecto do dispositivo da racialidade, que esse processo cria um negro como “não ser”, em todos os aspectos de estereótipo e do epistemicídio como aporte. Eu gosto de dizer que o epistemicídio da Sueli Carneiro é uma tentativa orquestrada e sistemática, mas ela não foi vencedora, porque tem muitos agenciamentos de resistências múltiplas em relação a isso. As práticas de candomblé, de terreiros, as sabedorias que estão aí, que não estão na academia, mas que se fazem existir, se fazem presentes. Eu fico pensando por aí na ideia da clínica, eu atendi uma pessoa negra que dizia que ia para o quilombo porque ele se sentia bem.

Nessa chave identitária, vai se fechar... Bem, o racismo se encerra numa chave social, toda hora no social, e é mesmo da ordem do persecutório. Esses lugares são lugares de respiro. É bom poder dançar num lugar onde meu corpo não será exotizado. A leitura é exatamente essa. Se você lê assim, ouve que está se isolando, mas já está dividido e é preciso ter espaço de respiro. Que a clínica seja um espaço de respiro. Agora, tem uma coisa nossa, para a gente pensar: não é fácil quando você está ouvindo outra pessoa! A ideia da identificação e da identidade, qual é o perigo de uma mulher negra ouvir outra mulher negra? É achar que eu sei do que ela está falando. Todo esse histórico eu sei, em alguma medida, mas tem algo que eu preciso não saber, que é dela, porque senão, também não narra.

- Você já sabe?

- Não, não sei, fala...

Tem um texto de uma pesquisadora brasileira, Viviane Vergueiro, sobre cis-normatividade como crítica ao pensamento colonial, onde ela vai mostrando que as coisas não estão separadas. Ela nos provoca pensando sobre uma arqueologia do Ocidente, isso falando em termos culturais. Para ela, se trata de uma lógica pré-discursiva; tem algo que é antes da linguagem, uma verdade

antes da linguagem. É uma lógica binária e permanece. Ela provoca: não tem um chegar lá. O inconsciente é pulsional.

Quando nos foi atribuído um gênero ou quando a gente nasce com uma cor de pele, você precisa aprender a viver; viver inclui aprendizados corporais nesse mundo, com esse corpo racializado sendo negro ou sendo branco; homem, mulher.

Preciado diz: “quando vou me tornando homem, eu vou aprendendo que homem não anda com a cabeça baixa, homem anda olhando... quando atravessa um outro, não sorri”, e os homens negros trans também trazem essa dimensão quando dizem: “eu era uma mulher negra, objeto sexual erotizado, passei a ser um corpo que as pessoas temem, escondem a bolsa.” Eles trazem esse aprendizado, essa performance de gênero que a gente também aprendeu. Nós nos fabricamos para chegar até aqui e não pensamos sobre isso.

Por exemplo, um aluno comentou e comecei a pensar e observar, quando tem uma pessoa negra e uma pessoa branca na calçada, quem, em geral, desvia é a pessoa negra. Está dado na trama, na sutileza dos corpos; quem desvia é a pessoa negra. Os homens sentados são performances de gênero; a gente vai aprender gênero, raça e classe. O que é ser um homem de verdade? O que é ser uma mulher de verdade?

A liberdade não é de escolha, esse conceito é de uma liberdade burguesa liberal. A liberdade é de fabricar-se porque, de fato, ninguém está fora. Importante dizer, como Viviane, imaginar que por si só as subjetividades são subversivas e são também normativas; é também entrar na lógica binária, dual, maniqueísta, porque a gente vê que as pessoas que entram no processo de transicionar também entram na crise. O fato de criar a liberdade não cai nessa ideia utópica, que é por si libertária, subversiva. Não é uma saída posta.

Ninguém está fora. Acho que as experiências trans nos desalienam dessa condição, assim como o antirracismo. Como estamos produzindo a nossa subjetividade? Em que grade estou me amarrando, em que modelos?

Sobre o filme – identidade e identificação

No filme *Praça Paris*, qual é a grande questão? O que pensar da concepção política de identidade versus o conceito psicanalítico de identificação?

A personagem Camila entra em contato com o fato de ser uma mulher branca, portanto, nós teremos que entrar em contato com o fato de ser uma pessoa cis, que o nosso gênero é produzido, é construído. Precisamos entrar em contato com isso porque não será natural.

Essa concepção política da identidade, os outros campos (história, sociologia, antropologia) já fizeram; a crítica sobre essa identidade como identidade a si mesmo, já foi feita. A identidade é considerada hoje como múltipla, contraditória, política, situada, pensando desse ponto de vista. Então, todo mundo tem identidade. Se a psicanálise continua dizendo que realmente não trabalha com uma concepção de identidade, está situada no século XIX, mas, e toda concepção de identidade revista, reformulada, problematizada, do pensamento decolonial, feminista? Quem trabalha hoje com identidade, não trabalha com mais do mesmo. Trabalha com a ideia de multidividades, historicamente construídas, situadas, contraditórias, com usos políticos. É possível

um processo de identificação não atravessado pela cultura, pela identidade?

A cena do banheiro² foi comentada por um aluno, por exemplo, que disse que a masculinidade é muito frágil. A produção do homem é feita com muita repressão, tem muito controle sobre esse corpo. Um homem se produz com muita repressão e com pouca margem, ou quase nenhuma, de criação. O Paul acha um lugar de brecha, um respiro: o banheiro fétido. Fiquei pensando quantos outros lugares, dentro da norma, mudando a chave epistemológica, a gente vai encontrar.

Fiquei pensando na escuta, porque há um perigo de escutar como se uma hora fosse resolver, ou seja, vai fazer a transição, vai trocar de nome, vai resolver. Na experiência antirracista e no racismo, a gente sabe que o racismo se reencena, vai criando formas, narrativas outras, mas não resolve. Não tem uma resolução. E ao mesmo tempo, acho bom polemizar, Paul não estava apagando a Beatriz dentro do processo.

Pode dar muita raiva, porque é o sujeito como universal, não marcado. Toda a construção histórica sobre você faz com que o seu corpo e sua existência sejam tratados como essa construção do universal. Ou todo mundo tem identidade ou ninguém tem.

Se faz necessário um processo de desidentificação com essa produção cultural?

Sim, está naturalizado que a pessoa negra tem que ser três vezes melhor que a pessoa branca como se isso fosse incontornável. O que é cultural vai se tornando um destino manifesto. Nesse sentido, o trabalho da clínica é ouvir isso. Se você é uma mulher negra, vão te fixando como tal.

Como vimos, Sueli Carneiro apresenta a chave, muito importante, do negro como *não ser*, o dispositivo da racialidade. Usando o dispositivo de Foucault como uma teia discursiva e não discursiva, que vai produzindo significados que tem a ver com relações de poder, saber. E o dispositivo da sexualidade produz a sexualidade como verdade identitária.

A identidade, a verdade, a essência são definidas pela sexualidade. Hetero é o normal, homossexual é o patológico. Normal-patológico definido pela sexualidade. Sueli Carneiro, pega esse conceito e diz: não, o dispositivo da racialidade inventa o negro como *não ser*. Acrescenta que o negro não tem o ontológico. Do ponto de vista filosófico, ontológico diz respeito ao ser e às características do ser. O outro aspecto é o ôntico, que são os aspectos físicos. Para ela, o negro só tem o ôntico, é definido somente pelo seu aspecto físico, e toda sua essência de construção vai se dando: é perigoso, eu tenho medo, é violento. O homem negro, por exemplo, violento, não intelectualizado, não é um sujeito muito articulado, assim como as mulheres brancas também são definidas pelo útero.

2. “Quando iniciei esse processo de transição, precisei de algum tempo para entender os códigos da masculinidade dominante. E acreditem ou não, nada foi tão difícil como me habituar ao fedor e à sujeira dos banheiros masculinos. Eu ficava atormentado pelo cheiro [...] levei semanas para conseguir superar essa repulsa. Até que compreendi que essa sujeira, esse fedor, correspondia a uma forma de relação estritamente homosocial: os homens haviam criado um círculo fétido para caçar mulheres. No interior desse círculo, em segredo, eles estavam livres para se olhar, livres para se tocar, livres para se resolver em seus próprios fluidos, fora de toda representação heterossexual.” (Preciado, B. *Eu sou o monstro que vos fala*, p. 29)

A liberdade é fabricada. Gostei dessa ideia. Fabrica-se de outra maneira pela sua singularidade. A possibilidade de ser ouvido é menor porque, de novo, ninguém está fora, porque tem uma relação de saber-poder. É ótimo que tenha um ministro negro e que usa sua singularidade para falar coisas tão potentes, importantes, radicais, disruptivas; mas talvez, se fosse de uma outra maneira, não seria ouvido. Por exemplo, Anielle (Franco) falando, ela sempre marca um lugar de ser uma mulher da maré, da periferia. E ela faz uma outra marcação e é uma mulher falando. Em relação à radicalidade na clínica, é o processo de singularização num mundo que é construído – capitalismo, modernidade, acumulação capitalista, neoliberalismo – as possibilidades de produção dessa liberdade são escassas, são restritas.